

Funaro anuncia que FMI

vida eu

rios & Finanças

sábado, 11/1/86 □ 1º caderno □ 15

deu sinal verde para o Brasil

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — O FMI recomendará aos bancos credores do Brasil nova extensão para o pagamento do principal da dívida externa, anunciou, ontem, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, depois de uma reunião de duas horas e meia com o diretor daquela instituição, Jacques de Larosière. "Espero que a recomendação ajude substancialmente as negociações sobre reescalonamento da dívida," afirmou o ministro. O porta-voz do Fundo Monetário, Graham Newmann, recusou-se a confirmar ou desmentir a informação, alegando que a tradição é não comentar as negociações do Fundo com seus membros.

Nem Funaro nem o presidente do Banco Central, Fernando Bracher, tinham certeza da duração da nova extensão que esperam conseguir dos bancos credores. A última extensão concedida pelos bancos termina no dia 17 de janeiro. Bracher informou que podem ser mais alguns dias, semanas ou meses. Explicou que como até o dia 16 próximo não haverá tempo para concluir negociações sobre um reescalonamento a médio prazo do principal vencido em 1985 e 1986 seria necessária extensão de pelo menos algumas semanas. Os advogados deverão dizer quanto tempo precisam para redigir os contratos do novo acordo de reescalonamento. Admitiu que se não for possível reescalonamento a médio prazo o Brasil poderá continuar limitando-se ao pagamento dos juros da dívida, como fez em 1985, desde que os bancos baixem o adicional de risco, o *spread*.

Depois de ouvir longa exposição de duas horas sobre as metas da política econômica brasileira, o diretor do Fundo teria dito que vocês estão na direção certa". Apesar disso, manifestou preocupação com a inflação e com os aumentos de salários em 1986.

Funaro disse que a seca prolongada no Centro-Sul do país provocará aumentos dos preços dos produtos agrícolas e forçará o governo a financiar sucessivas tentativas dos agricultores para salvarem suas safras. Diante da maior catástrofe agrícola do século o Estado tem a responsabilidade de manter o sistema produtivo, acrescentando também que justamente numa época em que estamos tentando fazer uma reforma agrária e fixar a população rural na terra não podemos permitir que os agricultores vendam suas terras aos vizinhos e mudem para as cidades.

Isso concentraria a propriedade rural em latifúndios e criaria uma demanda de milhares de empregos nos centros urbanos, que não teríamos condições de atender. Disse ainda que com a seca era preciso arranjar emprego para dezenas de milhares de bóias frias e, além de tudo, pensar no abastecimento da população.

Quanto aos salários, o ministro da Fazenda explicou que no Brasil de hoje já não se fixa salário mínimo em reuniões do Conselho de Segurança Nacional e informou que tão logo voltasse ao país faria reuniões com empresários e trabalhadores para examinar as possibilidades de um comportamento moderado por parte de ambos.

Inflação

Tentando convencer Larosière de que as taxas de inflação de novembro e dezembro não iriam se repetir em janeiro, Funaro afirmou que, nos últimos 10 dias do ano passado, os preços agrícolas já tinham caído. De qualquer forma, garantiu que as previsões de taxas até mais altas estão fora da realidade. Em janeiro, no máximo teremos algo perto da taxa de dezembro, porém, mais baixa. Também disse Larosière que fatores psicológicos estavam influenciando sobre as expectativas de maior inflação. No fim de ano, as empresas têm que fazer seus balanços, olham o comportamento da economia nos últimos meses e compreensivelmente se assustam, fazendo previsões pessimistas para o ano novo, explicou. Segundo uma fonte do Fundo Monetário, Larosière ficou bem impressionado ao saber por Funaro que a inflação tem constituído uma das maiores preocupações do presidente Sarney nas últimas semanas. Quando o presidente está preocupado com um tema, ele passa instruções firmes para o Ministério e os resultados não tardam, teria dito o diretor-gerente do FMI.

Tão logo as notícias de que a esperada luz verde do Fundo seria concedida para o programa econômico brasileiro, banqueiros de Nova Iorque começaram a mostrar maior boa vontade em relação a uma extensão substancial dos vencimentos da dívida em 1986.

Na tarde da sexta-feira, Fernando Bracher reuniu-se por pouco mais de uma hora com o presidente do comitê assessor de bancos credores do Brasil, William Rhodes. Rhodes negou-se a prestar qualquer informação sobre as decisões tomadas. Soube-se apenas que o chefe da área externa do Banco Central teria encontro com o plenário do comitê na

quinta-feira, para acertar os detalhes da extensão.

Um dos membros do comitê disse ao JORNAL DO BRASIL que nenhum dos dois lados tem qualquer alternativa, a extensão vai ser dada, principalmente agora que o FMI vai recomendá-la. Acrescentou também que embora poucos bancos estivessem entusiasmados com a ideia de conceder menores *spreads* para um país que não assinou qualquer acordo com o FMI, havia possibilidades de uma solução intermediária. "Demos taxas melhores para o México só porque esse país assinou acordo com o FMI. Mas uma semana depois de assiná-lo já rompeu seus compromissos e agora está numa situação muito difícil. O Brasil tem melhor poder de barganha que os demais países da América Latina, neste momento", disse.

Depois da reunião com Larosière, Funaro foi para Nova Iorque onde, no Sloane-Kettering Memorial Hospital, um dos mais importantes centros de tratamento de câncer dos Estados Unidos, submeteu-se a uma série de exames. Os médicos americanos receitaram pílulas que o ministro deverá tomar durante quatro meses. No final de abril, Funaro deve voltar a Nova Iorque, fazer novos exames e só então os médicos vão saber se ele está curado do linfoma (câncer no sistema linfático) ou se deverá fazer um tratamento à base de quimioterapia.